

Tão perto e tão longe

Pouco sobrou do homem do campo que vivia em harmonia com a natureza farta

ROVÊNIA AMORIM

DA EQUIPE DO CORREIO

Fala-se tanto da cidade moderna, criada por Lucio Costa e Oscar Niemeyer, que o brasileiro urbano se esquece da vida rural do Distrito Federal. É bem verdade que esse mundo mudou muito desde a chegada dos brasileiros ávidos de esperança por um futuro melhor e com forças para desbravar as terras do Planalto Central. O homem que vivia até então nessa região levava uma vida simples, com pouco dinheiro, fartura na mesa e respeito pelo cerrado. O arroz era a principal cultura e criava-se gado nas grandes fazendas das comarcas de Mestre D'Armas (Planaltina), Formosa (GO) e Santa Luzia (Luziânia).

Os antigos camponeses da região produziam quase tudo que precisavam. Os móveis eram feitos das árvores do cerrado, o sabão fabricado de forma caseira, com cinza, banha de porco e soda

cáustica, tecia-se o tapete com retalhos e valorizavam-se parentes, compadres e comadres. As festas esbanjavam fartura, como os almoços nos pousos das folias-de-reis ou as pamonhadas, na época da colheita do milho. Distribuíam-se potes de doce, nacos avantajados de carne à vizinhança quando se abatia uma criação.

“O agrado era muito valorizado entre as famílias rurais. Havia sempre muita fartura nas casas, fornadas de biscoitos, embora todos levassem uma vida muito simples. O fazendeiro que tinha mil cabeças de gado andava de pé no chão, assim como o agregado que morava na terra dele e tinha um rebanho de cem animais”, comenta a professora Hellen F. Woortmann, do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (UnB), especialista na área rural do DF e Entorno. Desse homem do campo e desse estilo de vida rural sobrou quase nada. “Mas está viva na memória dos mais velhos”, diz a pesquisadora.

As primas Sebastiana Gomes e Olívia Gomes



Sebastião Pedra/Especial para o CB/15.4.05

MORADORAS DO CÓRREGO DO OURO, A 54KM DO PLANO PILOTO, SEBASTIANA E OLÍVIA GOMES SE ENCANTAM NA PRIMEIRA VISITA A BRASÍLIA

lembram dos tempos da vida pacata no Córrego do Ouro, na zona rural de Sobradinho, antes de Brasília ser construída, a 54quilômetros dali. “Não tinha estrada nenhuma. O caminho era pelos *trieirinhos* dentro do mato”, conta Sebastiana, 64 anos, cabelo preso em coque, andar vagaroso. A prima, também analfabeta, pele do rosto sem rugas, semblante sempre triste, é um ano mais velha. “Meu pai montava no cavalo e levava um dia para ir a Planaltina comprar sal e roupa”, lembra-se ela, que de Brasília só conheceu a Cidade Livre.

Ela era uma mocinha dos seus 15 anos, quando foi para lá vender doce de mamão, óleo de coco e a “baje”, a castanha do coco. “Foi um passeio bom”, conta. Mais de 45 anos depois, convidadas pelo *Correio*, as duas concordaram em visitar a capital, que só conheciam pela televisão. Na sexta-feira da última semana, extasiaram-se tanto ao ver a cidade que silenciaram. “É muito bonito, as casas, os paus, o verde...”, diz Olívia, mãe

de quatro filhos, dois deles nascidos em casa. A mãe e a sogra eram as parteiras.

Até a construção de Brasília, os homens que viviam nas fazendas do Brasil Central eram esquecidos. “Fala-se que aqui era um cerradão, mas essa região tinha uma vida rural complexa”, comenta a professora Hellen F. Woortmann. “O homem do campo vivia da coleta, de tirar o óleo do pequi para remédio e para iluminar a casa, de aproveitar a palha do buriti na construção do telhado. Fazia tudo isso de maneira sustentável e com a preocupação de não agredir a natureza. Só se derrubava o necessário”.

Seu Almerindo Felipe dos Santos, 75 anos, pai de 11 filhos, cria umas vaquinhas no Córrego do Ouro. Em outubro de 1956, quando o cerrado começou a ser derrubado para a construção de Brasília, era comum o mutirão de 20, 30 homens no preparo da roça para as plantações de milho, arroz, feijão e cana. “Quase em todas as fazendas tinha engenho para fazer rapadura”, conta.